

# **CORES EM HARMONIA: O CONTRASTE CROMÁTICO E O EQUILÍBRIO DE YIN-YANG EM PRINCESA MONONOKE**

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Coordenadoria de Fomento à Pesquisa - Pró-Reitoria de Pesquisa e  
Pós-Graduação

Paola Verssatti de Almeida <sup>1</sup>

**Apoio: PIBIC Mackenzie**

Carolina Vigna Prado <sup>2</sup>

Centro de Comunicação e Letras Mackenzie (CCL) <sup>1</sup>

<10370838@mackenzista.com.br>

<carolina.prado@mackenzie.br>

## RESUMO

Lançado originalmente no Japão em 1997, **Princesa Mononoke** se posicionou como uma obra de impacto social, e que, além de impressionar o público com os visuais, também causava um impacto com os temas abordados. Seus protagonistas, Ashitaka e San representam lados opostos de uma mesma moeda, e mesmo com o contraste de sua existência, se complementam de forma que, somente em conjunto, são capazes de manter o equilíbrio. Ao decorrer do longa-metragem, um aspecto notável respectivo à escolha de cores é a presença abundante do vermelho e azul. Tais cores marcantes, além de causarem um impacto visual no telespectador, também desempenharam um papel de alta relevância na sociedade japonesa. A presente pesquisa tem como objetivo analisar o emprego das cores como ferramenta primordial no processo de desenvolvimento dos personagens apresentados no filme **Princesa Mononoke**, observando sua construção psicológica e seu impacto na trama. O desenvolvimento do estudo percorreu um árduo processo de busca por fontes bibliográficas que abordassem a perspectiva oriental a respeito do análise da psicologia da cores. Ao fim de sua realização, foi possível traçar uma interligação entre a paleta de cores do longa com simbologias subliminares que corroboram para a mensagem principal do enredo, assim como a conexão com costumes e valores japoneses tradicionais que se refletem no filme. Assim, conclui-se que a obra de Hayao Miyazaki não apenas utiliza imagens e roteiro para transmitir sua essência, mas também recorre a combinações cromáticas específicas para representar aspectos profundos dos personagens e da cultura japonesa.

**Palavras-chave:** Cores; Studio Ghibli; Princesa Mononoke; contraste; equilíbrio.

## ABSTRACT

Originally released in Japan in 1997, **Princess Mononoke** positioned itself as a work of social impact, which, in addition to impressing audiences with its visuals, also made an impact with the themes it addressed. Its protagonists, Ashitaka and San, represent opposite sides of the same coin, and even with the contrast of their existence, they complement each other in such a way that only together are they able to maintain balance. Throughout the feature film, a notable aspect regarding the choice of colors is the abundant presence of red and blue. Such striking colors, in addition to having a visual impact on viewers, also played a highly relevant role in Japanese society. The present study aims to analyze the use of colors as a fundamental tool in

the development of the characters presented in the film **Princess Mononoke**, observing their psychological construction and their impact on the plot. The development of the study involved an arduous process of searching for bibliographic sources that addressed the Eastern perspective on the analysis of color psychology. At the end of the study, it was possible to trace a connection between the film's color palette and subliminal symbols that corroborate the main message of the plot, as well as the connection with traditional Japanese customs and values that are reflected in the film. Thus, it can be concluded that Hayao Miyazaki's work not only uses images and script to convey its essence, but also resorts to specific color combinations to represent profound aspects of the characters and Japanese culture.

**Keywords:** Colors; Studio Ghibli; Princess Mononoke; contrast; balance.

## 1. INTRODUÇÃO

Hayao Miyazaki, renomado diretor e animador japonês, é amplamente reconhecido por sua contribuição à indústria cinematográfica, sendo responsável por obras que deixaram um impacto profundo em uma audiência global. Ao longo de sua carreira, conquistou dois prêmios Oscar, em reconhecimento aos seus trabalhos realizados no Studio Ghibli. Durante muitos anos, Miyazaki foi associado à criação de filmes com aspectos tranquilos e otimistas.

Na tentativa de se distanciar de tal visão doce, Miyazaki decidiu criar uma obra que fosse além da simples função de entreter e relaxar seu público, que carregasse um significado mais profundo. Lançado pela primeira vez no Japão em julho de 1997, **Princesa Mononoke** se destacou como uma obra de grande relevância social, capaz não apenas de fascinar o público por seus visuais, mas também de provocar reflexão por meio dos temas que explorava. Através de suas questões ambientais e filosóficas, o filme desafiou o público a refletir sobre os conflitos entre o ser humano e a natureza, estabelecendo-se como uma obra de relevância além do entretenimento.

O filme estrutura sua narrativa em torno de dois personagens centrais, cujas trajetórias e motivações contrapõem-se de maneira significativa. De um lado, encontra-se Ashitaka, príncipe da tribo Emishi, um jovem de bom coração, cuja principal aspiração é preservar a paz entre os diferentes grupos e, ao mesmo tempo, encontrar uma cura para a maldição que o aflige. Por outro lado, San, também conhecida como Princesa Lobo, manifesta um profundo ódio pelos seres humanos e dedica-se incansavelmente à proteção de seu território, adotando uma postura de confronto em relação aos invasores. A dinâmica entre esses dois personagens ilustra o conflito central da obra, envolvendo a busca por equilíbrio entre a natureza e a humanidade.

Ashitaka e San representam lados opostos de uma mesma moeda, e mesmo com o contraste de sua existência, se complementam de forma que, somente em conjunto, são capazes de salvar a floresta das ameaças externas, mantendo o equilíbrio e a paz. No livro **The art of Princess Mononoke**, o próprio diretor, Hayao Miyazaki, através de sua escrita, demonstra a conturbação das origens que cercam o relacionamento de ambos.

Ashitaka and San meet in the midst of the carnage and chaos of the battlefield. *Fighting on opposite sides*. What hope could there be for feeling born of a place steeped in hatred and killing? (MIYAZAKI, 2014, p. 3)

Tendo em vista tal dinâmica, é possível estabelecer uma conexão entre a interação dos dois personagens e o princípio do Yin-Yang. Esse princípio, fundamental na filosofia taoísta,

aborda a existência de dois elementos opostos que se complementam, e sua combinação é responsável pela manutenção do equilíbrio na vida. É um sistema simples de classificação de elementos com uma relação paralela entre si, podendo se atrelar a conceitos como fenômenos da natureza, princípios sociais, e até mesmo cores.

Assim, este trabalho tem como objetivo compreender de que maneira o uso simbólico das cores contribui para o desenvolvimento narrativo de **Princesa Mononoke**, explorando a interligação de tonalidades-chave, como o azul e o vermelho, enquanto símbolos de representação da cultura japonesa e como forma de evidenciar o vínculo estabelecido entre os protagonistas.

## 2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

### Essência do enredo.

A narrativa acompanha Ashitaka, o último príncipe da tribo Emishi, que, após matar um demônio javali que atacava sua aldeia, é atingido por uma maldição que lhe concede força sobrenatural, mas lentamente o consome. Para buscar uma cura, ele parte para o oeste, adentrando um conflito entre a floresta sagrada e a civilização humana.

Ao longo do caminho, Ashitaka chega à Cidade do Ferro (*Iron Town*), liderada por Lady Eboshi, que explora os recursos naturais para sustentar sua comunidade. Lá, toma parte em disputas com as divindades animais da floresta, incluindo a deusa-loba Moro e sua filha humana adotiva, San, conhecida como Princesa Mononoke, que odeia os humanos e tenta proteger a natureza a todo custo.

À medida que a tensão entre humanos e espíritos aumenta, Ashitaka encontra-se dividido entre os dois lados. San e Ashitaka desenvolvem uma relação complexa, baseada na tentativa de entendimento mútuo e na busca por coexistência pacífica. A guerra culmina quando Lady Eboshi decapita o Espírito da Floresta, desencadeando destruição e caos, até que a cabeça seja devolvida, restaurando a harmonia ambientada.

No desfecho, a Cidade do Ferro é destruída, mas Eboshi promete reconstruí-la de forma sustentável. A floresta inicia seu processo de regeneração. Ashitaka e San seguem caminhos separados, mantendo respeito e esperança, demonstrando que a reconciliação entre mundos opostos é possível.

### **Cores e seu significado na cultura japonesa.**

Ao decorrer do longa-metragem, um dos aspectos notáveis respectivos a escolha de cores é a presença abundante do vermelho e azul. Tais cores marcantes, além de causar um impacto visual no telespectador, também desempenharam um papel de alta relevância na sociedade japonesa. Para realmente entender a motivação por trás da aplicação dessas cores, é essencial entender a origem de sua introdução na cultura do Japão.

**Vermelho (aka)** - A cor vermelha está associada com a intensidade. Desde aspectos físicos e naturais, como o sangue e fogo, até aspectos psicológicos, como a raiva e a paixão. Em muitas culturas, a cor carrega um significado religioso e espiritual junto a si. Enquanto em um território ocidental, o vermelho é comumente relacionado ao maligno e impuro, em grande parte da cultura oriental, essa cor adota uma espécie de aspecto sagrado, estando presente até mesmo em templos.

It is popularly felt that red is a color representing **life and vitality**. It reminds us of the blood coursing in our veins, and of the sun: a symbol of energy, radiating its vitalizing life-force into human beings. (TANAKA; KOIKE, 1983, p. 16)

No Japão, muito da parte religiosa do país está repleta da cor vermelha. O Itsukushima Shrine, um dos santuários xintoístas mais populares da nação, dedicado aos deuses que protegem as pessoas de guerras e desastres marítimos, tem sua estrutura dominada pela cor vermelha. Sem contar as chamadas “Miko”, serviçais de templos xintoístas, conhecidas por servir como uma espécie de intermediário entre o mundo humano e o divino, utilizam trajes típicos compostos por peças vermelhas e brancas.

Além disso, o vermelho estava presente em diversos pertences do cotidiano, como nos pentes das mulheres, na pintura das molheiras da aristocracia, e até mesmo nos cabos das katanas de diversos samurais. Esse último aspecto pode ser observado no próprio filme **Princesa Mononoke**, pois tanto a katana de Ashitaka, quanto a de Lady Eboshi, tem seu cabo revestido por um material de tonalidade vermelha.



Figura 1: Filme Princesa Mononoke (1997); Figura 2: Filme Princesa Mononoke (1997)

O pigmento vermelho extraído da flor do cártamo (*Carthamus tinctorius*) era amplamente valorizado no Japão do período Edo pela sua intensidade e pela meticulosidade necessária em sua produção. A técnica envolvia a fermentação das pétalas, moldagem em “hanamochi” (pequenas pastilhas), seguido da imersão em solução alcalina de cinzas, neutralizada com vinagre ou *ume*, para extrair o corante escarlate conhecido como carthamina. Esse método altamente especializado resultava em tecido de tonalidade profunda que demandava múltiplas imersões para alcançar o vermelho vivo, reservado a kimonos, peças íntimas femininas e acessórios usados pela elite.

Além de seu uso estético, o vermelho tinha conotações simbólicas e funcionais: acreditava-se que o vermelho revitalizava a energia vital, estimulava a circulação e protegia contra enfermidades, reforçando sua presença em roupas de gestantes e cerimônias. Por exigir milhares de flores para produzir uma pequena quantidade de corante, o vermelho tornou-se símbolo de status, presente em peças de seda de alta qualidade e em cosméticos luxuosos, e indicativo de prestígio e poder social durante o período Edo

**Azul (ao)** - A cor azul representa uma parcela significativa do cotidiano humano. Presente tanto nos céus quanto nos mares, o azul exerce um papel de importância no imaginário ocidental. O azul evoca sentimentos de confiança, simpatia e harmonia, sendo facilmente aderido na sociedade, que o toma como representação de energias positivas. O livro **A Psicologia das Cores: Como as cores afetam a emoção e a razão**, de Eva Heller, a cor azul acaba tendo uma recepção bem positiva pelo público:

O azul é a preferida entre as cores. É a cor predileta de 46% dos homens e 44% das mulheres. E não existe quase ninguém que não goste de azul: apenas 1% dos homens e 2% das mulheres citaram o azul entre as cores de que menos gostam. (HELLER, 2018, p.46)

Transportando a análise para uma perspectiva oriental, a cor azul, em específico no Japão, carrega um significado de uma identidade nacional. Ela está associada a valores como seriedade e limpeza, ao mesmo tempo em que é ligada à feminilidade e à pureza. Em virtude dessas associações simbólicas, o azul tornou-se uma escolha recorrente na moda, refletindo essas qualidades em diversos contextos culturais e sociais.

O Azul Índigo é uma cor amplamente reconhecida por sua presença na composição do arco-íris. No entanto, um aspecto frequentemente negligenciado em relação a esse tom único de azul é o fato de também ser conhecido como o "azul do Japão".

Ao contrário do que muitos pensam, a cor índigo, presente em calças jeans, panos, e pinturas, era originalmente extraída de uma planta, mais especificamente, plantas do gênero *Indigofera*. Para se obter o pigmento, e fazer com que ele chegasse a colorir as roupas da população, era adotada uma técnica de tingimento conhecida como Aizomê. Tendo se popularizado ao longo do Período Edo no Japão, a atividade era composta de diversas etapas, desde a colheita, fermentação das folhas frescas, realização de uma série de processos de oxidação, até o tingimento em si dos tecidos.

Além disso, o índigo também era valorizado por suas propriedades antioxidantes e anti-inflamatórias. Servindo também como um repelente natural, muitos samurais utilizavam kimonos tingidos de índigo por baixo de suas armaduras.

Tais aspectos culturais podem ser observados ao decorrer do longa-metragem. Um dos exemplos mais marcantes é o pequeno casaco de proteção que Ashitaka utiliza por debaixo de suas roupas, caracterizado pela sua cor índigo. Por ser um guerreiro, o casaco lhe fornece não somente uma proteção a mais, mas também confere benefícios adicionais associados tradicionalmente ao uso de tecidos tingidos com índigo natural, como propriedades anti-inflamatórias e antioxidantes, conforme previamente discutido. Assim, o casaco não apenas integra o figurino com uma função prática, mas também se insere em uma lógica simbólica e medicinal, própria do contexto histórico-cultural representado na narrativa.



Figura 3: Filme Princesa Mononoke (1997)

### **Yin-Yang e sua simbologia.**

O conceito de Yin-Yang, originário da filosofia chinesa antiga, representa uma das bases fundamentais para a compreensão das dinâmicas universais entre forças opostas e complementares que regem não apenas o universo, mas também os ciclos da natureza e a existência humana. Em sua essência, o Yin-Yang simboliza a dualidade do universo. Aspectos como dia e noite, masculino e feminino, luz e sombra, esses pares constituem exemplos emblemáticos da dualidade presente na natureza, a qual é simbolicamente representada pela interação entre Yin e Yang.

Apesar de serem elementos inerentemente opostos é necessário que haja um equilíbrio entre ambos para garantir a harmonia da ordem, da saúde e da plenitude da vida. A interdependência entre Yin e Yang é simbolizada visualmente pelo ponto branco inserido na porção escura (*Yin*) e pelo ponto preto na porção clara (*Yang*). Esse detalhe gráfico expressa de forma sutil, porém profunda, a ideia de que cada elemento contém em si a semente do seu oposto, indicando que são, ao mesmo tempo, distintos e inseparáveis, coexistindo em permanente relação de dependência mútua.

No contexto da obra **Princesa Mononoke**, dirigida por Hayao Miyazaki, o conceito de Yin-Yang revela-se como uma chave interpretativa para compreender a complexa relação entre natureza e humanidade, tradição e progresso, destruição e regeneração. A narrativa apresenta esses polos em constante tensão, mas também em interdependência, refletindo a lógica complementar que fundamenta a filosofia do Yin-Yang.

I will depict animosity, but that is in order to show the fact that there is something more precious. I depict the bondage of a curse in order to show the joy of liberation. (MIYAZAKI, 2014, p. 12)

Miyazaki utiliza a oposição de elementos para evidenciar sua interdependência, explorando o contraste não como instrumento de separação, mas como meio de revelar a necessidade do equilíbrio. Essa abordagem manifesta-se na representação dos dois lados de um conflito, a natureza e a civilização, os deuses e os humanos, não como forças absolutamente antagônicas, mas como expressões legítimas de uma verdade compartilhada. Ao apresentar as razões, dores e aspirações de cada lado, se constrói uma narrativa em que o equilíbrio não se dá pela vitória de um sobre o outro, mas pelo reconhecimento mútuo de sua coexistência.

### **Equilíbrio e contraste entre os protagonistas.**

Ashitaka é o protagonista de *Princesa Mononoke* e representa o mundo dos homens. Príncipe da tribo Emishi, um povo marginalizado e considerado extinto pelo Império, Ashitaka é forçado a deixar sua terra natal após ser amaldiçoado por um deus-corrupto da floresta. A partir de então, ele embarca em uma jornada não apenas para encontrar a cura de sua maldição, mas também para compreender as causas do desequilíbrio entre a humanidade e a natureza.

San, por sua vez, é a princesa Mononoke. Uma humana criada pelos deuses-lobos da floresta, que rejeita sua humanidade e luta ferozmente em defesa da natureza. Sua identidade está profundamente ligada à floresta e aos espíritos que nela habitam, o que a coloca em conflito direto com os humanos, especialmente Lady Eboshi e a Cidade do Ferro, símbolos do avanço tecnológico e da exploração ambiental. San representa a resistência da natureza frente à destruição, mas também a possibilidade de transformação, desde que mediada por compreensão e respeito mútuo.

O contraste entre Ashitaka e San é visualmente marcante, sendo perceptível não apenas ao longo da narrativa, mas também em elementos promocionais do filme, como os pôsteres oficiais, que capturam de forma simbólica a essência isolada de cada um dos dois lados do conflito.



Figura 4: The Art of Princess Mononoke (2014)

No pôster à esquerda, Ashitaka é representado com uma postura firme e determinada, montado em seu alce Yakul, que permanece atento ao ambiente. A composição destaca a ação e o movimento, sugerindo prontidão, coragem e liderança. A imagem como um todo é dominada por um espectro de tons quentes e vibrantes, que evocam um senso de energia e vitalidade. Esses elementos reforçam a imagem de Ashitaka como um guerreiro ativo, racional e equilibrado, alguém que, apesar da violência ao seu redor, busca constantemente o caminho do meio.

Em contraste, no pôster à direita, San surge em uma posição mais estática, porém não passiva. Embora silenciosa, sua postura é alerta e defensiva, com a arma empunhada e o olhar decidido. Ela está acompanhada de Moro, uma deusa-lobo, que se impõe ao fundo com expressão feroz e protetora. As cores que dominam essa cena são tons frios que criam uma atmosfera mais sombria, selvagem e espiritual. Essa paleta reforça a ligação de San com o mundo natural e espiritual, bem como sua resistência visceral à destruição causada pelos humanos.

A comparação lado a lado desses dois pôsteres torna evidente a dualidade central do filme. Ambos os personagens estão acompanhados de seus respectivos animais, Yakul e Moro, que também funcionam como extensões de suas personalidades e papéis simbólicos na narrativa. Yakul, calmo e observador, complementa o temperamento ponderado de Ashitaka,

enquanto Moro, agressiva e protetora, expressa a raiva e o instinto de preservação que movem San. Ambos os pôsteres utilizam as cores vermelho e azul, mas em espectros opostos: em Ashitaka, essas cores aparecem em tons quentes, transmitindo ação, energia e equilíbrio; em San, surgem em tons frios, sugerindo silêncio, instinto e conexão com a natureza.

Assim, San e Ashitaka são representações visuais e simbólicas de forças opostas, mas complementares. Eles não se anulam, tampouco se confrontam diretamente como inimigos, pois carregam em si elementos do outro, uma ideia refletida tanto na narrativa quanto na estética dos pôsteres. Essa dualidade reforça a mensagem central do filme: não há um lado completamente certo ou errado, mas sim a necessidade de compreensão e equilíbrio entre mundos distintos.

### **Aplicação do Ying-Yang na relação cinematográfica.**

No contexto do filme, Ashitaka pode ser compreendido como uma representação emblemática do princípio Yang. Ele encarna a figura masculina tradicional, pautada pela racionalidade, pelo senso de dever, pela clareza moral e pela disposição incansável para o enfrentamento dos conflitos e para a mediação entre forças opostas. Sua jornada é marcada por ações que promovem o equilíbrio, evidenciando características típicas da energia Yang ao buscar a resolução dos impasses por meio da ação direta, da coragem e da lucidez ética.

Em contrapartida, o Yin, representado pela porção preta do diagrama, está vinculado a valores como a feminilidade, a escuridão, a introspecção, a passividade, a noite, o frio, a morte simbólica e o recolhimento. É o princípio da contenção, da profundidade emocional e da conexão com os ciclos naturais da vida e da morte. No filme, San — também conhecida como Princesa Mononoke — personifica de forma notável o princípio do Yin. Ela é retratada como uma figura profundamente conectada à natureza, instintiva, emotiva e por vezes enigmática, que transita entre os espaços da floresta e do silêncio, desafiando as lógicas da racionalidade ocidental. San representa, além do arquétipo feminino, uma força primitiva e vital que opera pela resistência, pelo instinto de preservação e pelo vínculo afetivo com a Terra e seus espíritos.

A relação entre Ashitaka e San no enredo não apenas ilustra uma dicotomia entre masculino e feminino, mas também simboliza a interação dinâmica entre os princípios de Yang e Yin. Essa interação não é hierárquica nem individual, mas essencialmente complementar e interdependente, refletindo o ideal taoista de harmonia e equilíbrio cósmico. A coexistência

desses dois personagens, com suas respectivas energias e atributos, evidencia a necessidade de integração das polaridades para a restauração do equilíbrio ecológico e espiritual.

Contudo, é fundamental reconhecer que, conforme os princípios do pensamento taoísta, Yin e Yang não são forças absolutas ou isoladas, mas sim aspectos interdependentes de uma totalidade indivisível. Cada um contém em si a semente do outro, o que é simbolizado visualmente no próprio diagrama do Taijitu, em que há um ponto branco no lado negro e um ponto negro no lado branco. Essa compreensão se faz evidente na caracterização dos protagonistas de **Princesa Mononoke**.

Apesar de San representar predominantemente o Yin, ela manifesta também traços marcantes do Yang, especialmente na sua força combativa, na sua disposição para agir e no seu senso de proteção em relação à floresta e seus habitantes. Da mesma forma, Ashitaka, embora seja guiado por valores associados ao Yang, como a coragem, a racionalidade e o espírito conciliador, carrega em si a marca sombria de uma maldição — uma presença do Yin que simboliza a dor, a finitude e a vulnerabilidade humanas. Assim, ambos os personagens transcendem as dicotomias simplistas e ilustram a complexidade da natureza humana, em que luz e sombra coexistem e se entrelaçam constantemente. Essa ambivalência ressalta a profundidade da narrativa de Miyazaki, que se alinha à visão oriental de mundo, na qual a harmonia não é obtida pela supressão dos opostos, mas pela aceitação e integração de suas tensões internas.

É possível argumentar que a maldição que acomete Ashitaka é uma representação simbólica da combinação entre o Yin e o Yang. O ferimento se manifesta como uma aura púrpura, uma fusão simbólica do vermelho e do azul, utilizados constantemente na narrativa cinematográfica para representar a dualidade do roteiro.

Nesse sentido, a maldição de Ashitaka torna-se um marco simbólico, não apenas sinalizando seu tormento, mas revela-o como o ponto onde Yin e Yang coexistem e se enfrentam, expressando visualmente o núcleo filosófico da narrativa.

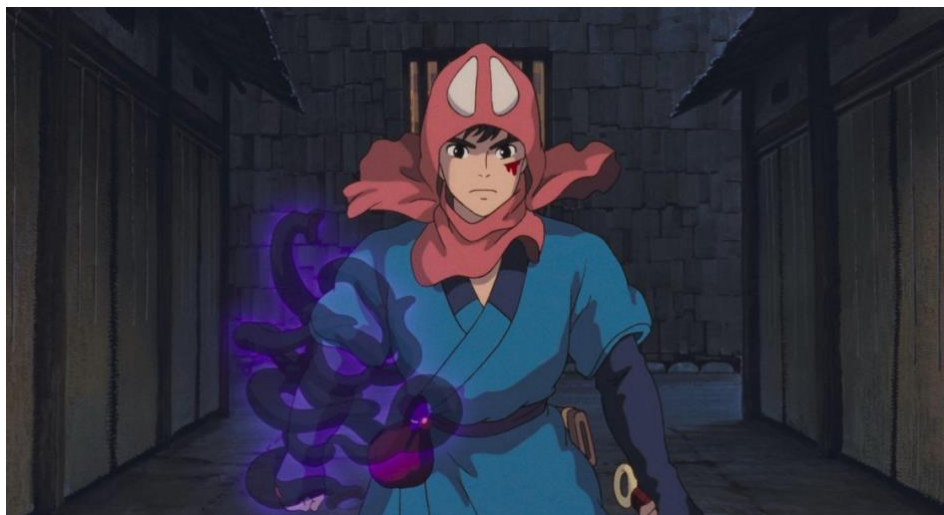


Figura 5: Filme Princesa Mononoke (1997)

### 3. CONCLUSÃO

O filme **Princesa Mononoke** se estabelece como uma obra de profundo diálogo visual e simbólico, em que Hayao Miyazaki explora a comunicação entre humanidade e natureza por meio de personagens que representam forças opostas, mas complementares. Ashitaka e San emergem como figuras que encarnam princípios dualísticos, cuja coexistência equilibra o conflito central da narrativa.

A análise confirma que as cores são utilizadas dentro do filme não apenas como impacto estético, mas como veículo simbólico que enriquece a construção psicológica dos personagens e aprofunda a mensagem central da obra. Desse modo, **Princesa Mononoke** transcende sua função de entretenimento e se firma como uma narrativa filosófica, que utiliza a imagem, o roteiro e a cor para expressar a urgência do entendimento e da coexistência entre forças opostas.

O desenvolvimento da pesquisa, embora complexo, apresentou resultados sólidos. A investigação aprofundada sobre a psicologia das cores sob a perspectiva japonesa permitiu conectar elementos visuais do filme com aspectos culturais orientais. Os objetivos foram não apenas alcançados, como também ampliados em uma análise mais profunda, que revelou dimensões da cultura japonesa ainda pouco exploradas.

Houve uma evidente dificuldade em encontrar fontes bibliográficas que abordassem a análise das cores sob uma perspectiva oriental, considerando que a maior parte das obras popularizadas sobre o tema está centrada em uma narrativa ocidental. Foi necessário um

aprofundamento na pesquisa para localizar trabalhos que tratassem da questão, incorporando a análise de costumes e tradições em conjunto com a abordagem da psicologia das cores.

Há um claro potencial para novas pesquisas derivadas deste estudo, especialmente sobre a produção de pigmentos naturais no Japão e seu impacto na economia local. Tal desdobramento pode enriquecer o entendimento da relação entre práticas tradicionais e mercados contemporâneos.

#### **4. REFERÊNCIAS**

**MIYAZAKI, H.** The art of Princess Mononoke. **San Francisco, Ca: Viz Media, Llc, 2014.**

**HIBI, S.** The Colors of Japan. [s.l.] **Kodansha International, 2001.**

**HELLER, E.** A psicologia das cores: Como as cores afetam a emoção e a razão. [s.l.] **Olhares, 2002.**

**TANAKA, I.; KOIKE, K.** Japan Color. [s.l.] **Chronicle Books, 1983.**